

Análise cronológica dos textos de Winnicott sobre as origens da moralidade¹

*Daniela Céspedes Guizão Gomes da Silva**

Resumo: Este artigo consiste em uma apresentação unificada dos conceitos que constituem a teoria do amadurecimento moral de D. W. Winnicott. Centra-se o estudo nas raízes da moralidade. Analisam-se cronologicamente os conceitos relacionados à moralidade na psicanálise freudiana, kleiniana e winnicottiana para situar a história do conceito nestas teorias e também para apontar os momentos em que Winnicott concordou, em que ele divergiu, ou no qual ele criou o conceito de forma original. Apresenta-se a concepção do autor sobre as origens da moralidade em conexão com a teoria do amadurecimento pessoal de forma a esclarecer seus conceitos-chave como a tendência inata para a moralidade, a crença em..., a bondade original, a formação de idéias próprias sobre o certo e o errado e o estágio do concernimento. Destaca-se a importância que o autor atribui ao ambiente estável, seguro e confiável para a conquista da capacidade para se colocar no lugar do outro, para se preocupar com o outro. Mostra-se a forma original e científica de teorizar com a qual Winnicott escreveu a teoria do amadurecimento moral, teoria esta em que o autor não recorre aos conceitos clássicos da psicanálise tradicional – sendo

¹ Este artigo se refere à quarta parte do primeiro capítulo da dissertação de mestrado: *Winnicott e as raízes da moralidade*, defendida pela autora em 2006 pela PUC-SP. Ele foi publicado originalmente na revista eletrônica *Winnicott E-prints*, disponível em: http://www.centrowinnicott/winnicott_eprint/.

* Doutoranda pela PUC-SP, sob orientação do Prof. Dr. Zeljko Loparic. Psicanalista pelo Centro Winnicott de São Paulo. E-mail: dgpt2@terra.com.br

especialmente destacadas nesta dissertação as freudiana e kleiniana – como o superego, o complexo de Édipo, o superego precoce ou a pulsão de morte.

Palavras-chave: Moralidade inata. Bondade original. Concernimento. Moralidade pessoal. Tendência.

Chronologic analysis of Winnicott's texts about the origins of morality

Abstract: This article presents in a systematic way the fundamental concepts of D. W. Winnicott's psychoanalytic theory of morals and of moral development. It starts by chronologically analyzing moral concepts of Freud's and Klein's, in order to point out cases in which Winnicott agrees or dissents with these authors, or creates his own concepts. It is shown next that Winnicott's ideas on the origins of morality are related to his maturation theory, as are all of his key moral concepts, such as the innate morality, the belief in..., the original goodness, the development of a child's sense of right and wrong, and the capacity for concern. We also highlight the vital role assigned by the author to a stable, safe and trustworthy environment as a necessary condition for the individual's moral development. Finally, we highlight Winnicott's scientific way of theorizing used in developing the moral maturation theory. It is shown that Winnicott does not appeal to classical concepts of traditional psychoanalysis – especially those by Freud and Klein – such as superego, Oedipus complex, premature superego, or death drive.

Key-words: Innate morality. Original goodness. Concern. Personal morality. Tendency.

A psicanálise winnicottiana orienta-se pela teoria do amadurecimento pessoal normal. Winnicott foi um pediatra que se tornou psicanalista e teve como foco de seu estudo os problemas que levavam as mães e seus bebês ao seu consultório. O autor identificou questões emocionais primitivas nesta relação entre a mãe e o seu bebê, especialmente no primeiro estágio de vida do bebê.

As questões relativas à moralidade para Winnicott estão inseridas no desenvolvimento de sua obra não especificamente acompanhando a progressão de um conceito teórico, como foi para Freud junto à construção e à descrição de um aparelho psíquico, ou para Klein junto à

descrição de um superego precoce ou do conceito de posição depressiva. A moralidade, para este autor, faz parte de um amadurecimento pessoal e pode ser descrita nos termos de um desenvolvimento na criança da capacidade para ter um senso moral. Winnicott criou termos acerca do tema e os estudou em momentos diversos do curso do amadurecimento de uma pessoa; termos como: “moralidade inata”, “crença em...”, “bondade original”, entre outros.

Na década de 30, em seus primeiros textos, Winnicott já esboçava interesse pelo tema. Em *Contribuição para uma discussão sobre a enurese* (1936b, p. 144), ele escreveu sobre como a satisfação e o prazer podem significar para o bebê que “existe bondade no mundo” e sobre o modo como ele estabelece “pessoas e coisas boas dentro dele”.

É necessário salientar como os sentimentos do bebê são muito mais intensos do que podemos supor através da empatia. O bebê normalmente vê o prazer que o corpo oferece no manejo das ansiedades, pois a satisfação e o prazer significam para ele que existe bondade no mundo, de modo que ele estabelece pessoas e coisas boas dentro dele; esta crença nas coisas lhe permite suportar a dor e a frustração, que geram maldade, ódio, e o fazem encontrar pessoas e coisas más dentro dele – objetos maus que ele teme que destruam os bons, e que quer colocar fora dele se puder fazer isso de forma segura (WINNICOTT, 1936b, p. 144).

Neste pequeno trecho de um de seus primeiros textos, já é possível observar claramente que Winnicott não associou as palavras “satisfação” e “prazer” a questões de ordem sexual e, sim, ao que ele denominou de “bondade no mundo”. É possível observar também neste texto que o autor fez uso da palavra “crença” que, posteriormente, em textos da década de 60, foi utilizada para sustentar o seu conceito de “crença em...”, cujo significado seria o de uma capacidade que a criança adquire para acreditar naquilo que a sua família ou a sua sociedade acreditem.

No final da década de 30, preocupado com as questões que envolviam “o bem e o mal encontrados no mundo das relações humanas”, Winnicott (1957d, p. 94) escreveu um artigo intitulado “Agressão”; nele

o autor tratou em um determinado momento da agressão de alunos dirigida a professores e escreveu: “Pois o comportamento agressivo de uma criança que chama atenção de um professor nunca é uma questão exclusiva de emergência de instintos agressivos primitivos. Nenhuma teoria válida sobre a agressividade infantil poderá ser construída a partir de premissa tão falsa” (p. 94).

Nesse texto, Winnicott afirmou que a agressividade que alguns bebês manifestam, desde o início, não é exclusiva da emergência de instintos agressivos primitivos. Esta afirmação winnicottiana diverge da posição kleiniana de que a agressividade se expressa como inveja, ódio ou sadismo e que é uma manifestação da pulsão de morte. Winnicott relacionou as reações agressivas de um bebê ao papel do ambiente nos estágios iniciais, relacionou a dependência do bebê ao fato de que ele reage ao tipo de cuidados que recebe.

No artigo “Crianças na guerra”, Winnicott (1940b) escreveu a respeito de como é possível compreender o efeito da guerra nas crianças e sobre a capacidade que elas teriam para entendê-la. De acordo com o autor, seria necessário conhecer inicialmente as idéias e os sentimentos que a criança já possui “naturalmente” e entre os quais as notícias da guerra seriam inseridas. Para Winnicott, as crianças lidam com “guerras pessoais” travadas em seu íntimo, possuem um mundo interno rico e já possuem conhecimentos sobre cobiça, ódio e crueldade, sobre amor e remorso, sobre o impulso para fazer o bem e sobre a tristeza. “As crianças pequenas compreendem muito bem as palavras bom e mau, e não adianta dizer que, para elas, essas idéias estão apenas na fantasia, uma vez que, na verdade, seu mundo imaginário pode parecer-lhes bem mais real do que o mundo externo” (p. 28).

Com base em sua experiência clínica da observação de bebês e fundamentado na teoria kleiniana, Winnicott (1941b) escreveu o artigo “A observação de bebês numa situação padronizada”. Nesse texto, afirmou que a criança sente que as coisas dentro dela são boas e más, assim como as coisas do mundo externo. Estas qualidades “boa” e “má” dependem de uma aceitação para serem trazidas para o mundo interno do

bebê e esta aceitação dependerá da intensidade dos impulsos destrutivos em relação aos impulsos amorosos e também da capacidade que ele tem de tolerar as ansiedades derivadas das tendências destrutivas. Segundo Winnicott, é importante considerar a natureza das defesas do bebê e o grau de desenvolvimento da sua capacidade para fazer reparações. Tudo isso está ligado à idéia de que “a capacidade da criança de manter vivo o que ela ama, e sustentar a crença em... sua capacidade de amar, tem um peso determinante sobre as qualidades (‘boas’ ou ‘más’) que lhe parecerão ter tanto as coisas do mundo externo quanto as do seu interior” (p. 122).

O estudo da alimentação dos bebês trouxe para Winnicott importantes questões para o desenvolvimento de suas idéias a respeito do estabelecimento de uma primeira relação de compromisso entre a mãe e o bebê e, conseqüentemente, sobre as origens da moralidade. Em “Alimentação do bebê” (1945c, p. 31), o autor afirmou que a alimentação da criança é uma questão de relações mãe-filho; é um “ato de pôr em prática a relação de amor entre dois seres humanos”. Afirmou, ainda, que a alimentação natural é dada quando o bebê a quer, e ela cessa quando o bebê cessa de querê-la; “é nessa base, e só nela, que um bebê pode começar a transigir com a mãe; o primeiro sinal de transigência é a aceitação de uma alimentação regular e segura” (p. 34).

O autor afirmou que mamar a cada três horas pode ser conveniente para a mãe e pode ser aceito pelo bebê como o cumprimento de uma necessidade sua, na medida em que ele se adapte a estes horários e que de fato tenha fome somente a cada três horas. Se o intervalo for maior, sobrevém a angústia, mas a confiança pode ser recuperada se a mãe amamentar o seu bebê quando ele solicitar e poderá voltar ao horário regular quando o bebê for capaz de tolerá-lo. De acordo com Winnicott (1945c, p. 36), “se a mãe estiver orientando suas relações com o bebê à sua própria maneira, estará fazendo o melhor que pode pelo seu filho, por ela e pela sociedade em geral”. Nesse sentido, afirma o autor:

Por outras palavras, a única base autêntica para as relações de uma criança com a mãe e o pai, com as outras crianças e, finalmente, com a sociedade, consiste na primeira relação bem sucedida entre

a mãe e o bebê, entre duas pessoas, sem que mesmo uma regra de alimentação regular se interponha entre elas, nem mesmo uma sentença que dite que um bebê deve ser amamentado ao peito materno. Nos assuntos humanos, os mais complexos só podem evoluir a partir dos mais simples (WINNICOTT, 1945c, p. 36).

Uma questão interessante sobre o choro do bebê e sua relação com um sentimento de responsabilidade foi estudada por Winnicott (1945j, p. 73; [1944]) no texto “Por que choram os bebês?”. De acordo com o autor, o choro triste é algo que significa que a criança “alcançou seu lugar no mundo”, que em vez de reagir às circunstâncias, ela passou a sentir responsabilidade pelas circunstâncias. A criança pode sentir-se *totalmente* responsável pelo que lhe sucede e pelos fatores externos da sua vida e, aos poucos, com os devidos cuidados maternos, ela poderá fazer a distinção pelo que ela de fato é responsável e pelo que ela *sente* como se fosse de sua responsabilidade.

No texto “Para um estudo objetivo da natureza humana”, Winnicott (1945h, p. 37) utilizou o termo “superego pessoal”, referindo-se a uma época em que a criança ainda não é uma unidade independente e seu ego está no processo de construir um “superego pessoal” para o manejo e emprego dos instintos. Segundo o autor, para que a construção se efetive, se faz necessário um ambiente estável, com seres humanos amorosos; “as pessoas circundantes são usadas pela criança em crescimento como ideais e como rigorosas, durante o processo de construção de um superego mais pessoal, com suas próprias idéias sobre controle e liberdade”.

Ao analisar a delinqüência juvenil, em “Alguns aspectos psicológicos da delinqüência juvenil”, Winnicott (1946b, p. 131) fez uma comparação entre a criança normal e a anti-social. Para ele, a criança normal, auxiliada nos estágios iniciais por seu próprio lar, desenvolve a capacidade para controlar-se, desenvolve um “ambiente interno” que tende para descobrir um “bom meio”. Já a criança anti-social, que não teve a oportunidade de criar um bom “ambiente interno”, precisará de um “controle externo se quiser ser feliz e capaz de brincar ou trabalhar”.

Winnicott afirmou que a delinqüência indica que alguma esperança subsiste e fez uma distinção entre o delinqüente e a criança que se comporta de modo anti-social. Segundo o autor, o comportamento anti-social de uma criança não é *necessariamente* uma doença; pode ser um pedido de ajuda para pessoas “fortes, amorosas e confiantes”. Entretanto, o delinqüente, “em certa medida”, ressaltou Winnicott (1946b, p. 131), é doente, “o sentimento de segurança não chegou à vida da criança a tempo de ser incorporado às suas crenças”.

No texto “Necessidades ambientais; os estágios iniciais; dependência total e independência essencial”, Winnicott (1996k; [1948]) afirmou literalmente que “moralidade é uma questão de compromisso”. O autor fez esta afirmação referindo-se a crianças que chegaram a certo estágio, o “estágio de seres humanos completos”, que têm idéias próprias sobre o certo e o errado e que são capazes de perceber que o outro tem o seu ponto de vista. É desta maneira que, para Winnicott, a palavra “compromisso” entra em cena. O autor acrescentou que em estágios um pouco anteriores a este, a moralidade parece ser representada pela reparação em relação à culpa e que esta culpa só pode ser tolerada se “algo estiver sendo feito a respeito”.

Na concepção winnicottiana, quando se chega a estágios mais primitivos a moralidade pode ser entendida como uma coisa “terrorífica e terrível”, na qual não existe compromisso e as questões são encaradas como de vida e morte. Para o autor, nada pode ser feito se alguém deixou alguma coisa incompleta nesses estágios e essas pessoas não podem aceitar compromissos.

Nós podemos entender o que isso significa quando percebemos situações extremas em nós mesmos ou nas crianças que estão tentando ter momentos em que precisam defender alguma coisa, sua integridade, sua individualidade, seus direitos como seres humanos. De qualquer forma, parece-me que há algo de muito feroz na moralidade do bebê, e em tudo aquilo que temos dentro de nós que pertence à época em que éramos bebê e a um desenvolvimento infantil mais inicial (WINNICOTT, 1996k, p. 51).

O texto “O bebê como uma organização em marcha” traz uma idéia winnicottiana de que a tendência para a vida e para o desenvolvimento faz parte de algo “inato” no bebê. Para Winnicott (1949b, p. 29), os bebês possuem uma “centelha vital e seu ímpeto para a vida, para o crescimento e o desenvolvimento é uma parcela do próprio bebê, algo que é inato na criança e que é impelido para frente de um modo que não temos de compreender”. A esta idéia de algo inato no bebê está associada a idéia winnicottiana de uma “moralidade inata”, termo fundamental para este estudo sobre as origens da moralidade e que foi descrito por Winnicott (1949g) em “A moralidade inata do bebê”.

Nesse texto, Winnicott descreveu duas formas de se apresentar às crianças normas de moralidade. A primeira se refere ao modo como os pais “implantam” estas normas ao “forçarem” a aceitação do bebê ou da criança, desperdiçando, assim, a oportunidade de integrá-las na personalidade em desenvolvimento. A segunda maneira se refere à facilitação e ao incentivo das “tendências inatas para a moralidade”. De acordo com o autor (p. 107), os métodos sensíveis utilizados pela mãe, assim como a realidade de seu amor, permitem que “as raízes do senso moral pessoal” do bebê sejam salvaguardadas.

No artigo em apreço, o autor afirmou que o que ele estava descrevendo era a “gradual formação na criança de uma capacidade para adquirir o sentido de responsabilidade, o qual, na sua base, é um sentimento de culpa” (p. 108). A presença da mãe neste período é essencial porque a criança está se adaptando à idéia de destruição do objeto e ao fato de ela amar este mesmo objeto. Esta mãe foi descrita por Winnicott como mãe-ambiente e, ao mesmo tempo, mãe-objeto.² De acordo com o autor, na medida em que a criança pode integrar estes dois aspectos da mãe, ela poderá se afeiçoar a ela, mas isso envolve também a criança “numa espécie particular de sentimento de culpa”, relacionado aos elementos destrutivos das experiências instintivas. A criança passará a tolerar este sentimento quando ela souber que haverá uma oportunidade de reparar e reconstruir.

²Winnicott (1963b, p. 108) fez uma distinção entre mãe-ambiente e mãe-objeto. Segundo o autor, a mãe-objeto é a mãe que sobrevive aos episódios guiados pelo instinto do bebê; já a mãe-ambiente é a mãe que continua sendo ela mesma estando presente para receber o gesto espontâneo do bebê.

Na mesma seqüência de termos novos postulados por Winnicott nos textos de 1949, nos quais falou sobre a existência de uma tendência para a vida e de uma tendência inata, pode-se encontrar, também no texto “As crianças e as outras pessoas” (1949n, p. 123), o termo “culpa inata”. Nesse texto, o autor se referiu ao fato de a mãe continuar sendo uma pessoa viva para o bebê, nos momentos de ataque e, com isso, permitir que ele descubra o “sentido nato da culpa” que, segundo Winnicott, constitui o “único sentimento apreciável de culpa e a principal fonte do impulso urgente para consertar, para recriar e para dar”. Sobre esta questão, Winnicott (p. 123) acrescenta: “A mãe não impede que a criança tenha idéias de destruição e assim permite que a culpa inata se desenvolva segundo seu próprio rumo. É a culpa inata que esperamos ver surgir com a evolução da criança e pela qual estamos dispostos a esperar; a moralidade imposta nos aborrece”.

Até o período do final da década de 40, Winnicott afirmou a seus leitores que eles poderiam reconhecer, em tudo o que ele teorizou, a teoria de Melanie Klein, demonstrando, deste modo, seu reconhecimento pela importância teórica do conceito kleiniano de posição depressiva. No entanto, no início da década de 50, passou a apontar suas divergências e a imprimir o seu modo pessoal de conceituar este estágio do desenvolvimento.

No artigo “A posição depressiva” (1988 [1954]), o autor fez uma crítica à expressão “posição depressiva”. De acordo com ele, essa expressão foi utilizada por conta de uma constatação clínica de um “espírito depressivo”; porém, ressaltou que isto não significa que o bebê se encontre doente, atravessando um estado de doença depressiva. Para Winnicott, é preciso atentar que existem outros sentidos para esta expressão por ele considerada como um estágio normal do desenvolvimento, e que isto facilitaria sua compreensão.

Pode-se encontrar no artigo “A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal” (1955c; [1954]) um esclarecimento maior do autor sobre este tema da expressão “posição depressiva”. Inicialmente, ele chamou a atenção para a palavra “normal” do título e

escreveu que o que ele gostaria de enfatizar seria “a posição depressiva no desenvolvimento normal enquanto uma conquista” (p. 355). O autor deu ênfase ao *fator tempo* e à mãe que *sustenta a situação*. Segundo ele, o bebê chega à posição depressiva sendo sustentado pela mãe ao longo de uma fase de sua vida.

Winnicott (1955c, p. 358) sugeriu, ainda nesse texto, chamar o termo “posição depressiva” de “estágio do concernimento”,³ pois, segundo ele, o termo kleiniano “é um nome ruim para um processo normal”. Para o autor, é neste estágio que o indivíduo humano passa da pré-piedade para a piedade, ou concernimento. Ele afirmou que, na medida em que o bebê é “abençoado” com uma mãe que sobrevive⁴, que reconhece um gesto de doação, que permite a reparação e a restituição, que sustenta a situação no tempo, se estabelece então um “círculo benigno”. O fortalecimento deste círculo faz com que o bebê seja capaz de tolerar as dificuldades das experiências instintivas e, de acordo com Winnicott, aqui está a origem do sentimento de culpa, uma “culpa verdadeira”, que não é implantada e que surge da junção das duas mães, do amor tranqüilo e excitado⁵, do amor e do ódio (p. 365).

A grande importância da posição depressiva é, portanto evidente, e a contribuição de Melanie Klein à psicanálise revela-se aqui uma verdadeira contribuição à sociedade, à criação de filhos e à educação. A criança saudável tem uma fonte própria de culpa, e não precisa ser ensinada a sentir culpa ou compaixão (WINNICOTT, 1955c, p. 365).

Analisando esta mesma questão no texto “Agressão, culpa e reparação”, partindo do ponto em que a destrutividade se transforma em construtividade, Winnicott (1984c, p. 162; [1960]) assinalou que o sentimento de culpa envolvido nesta situação era “silencioso” e “não consciente”; classificou-o também como “potencial”, anulado pelas

³ Winnicott utiliza a palavra concern, que é traduzida por Zeljko Loparic e Elsa Dias por concernimento.

⁴ Sobreviver para Winnicott significa não retaliar, não mudar de atitude, permanecer confiável.

⁵ De acordo com Dias (2003, p. 174), é preciso distinguir entre dois estados do bebê que se alternam permanentemente: os excitados e os tranqüilos. Segundo esta autora, os estados tranqüilos são a ocasião para as tarefas de integração, no tempo e no espaço, e do alojamento da psique no corpo e os estados excitados são relacionados com o início do estabelecimento do contato com a realidade.

atividades construtivas e o diferenciou do sentimento de culpa clínico que, para ele, tem uma carga consciente.

No texto “A psicanálise do sentimento de culpa”, Winnicott (1958, p. 22) fez uma análise do que foi desenvolvido em termos conceituais tomando-se por base o conceito de superego e, segundo ele, a idéia de introjeção da figura paterna era demasiado simples. Segundo Winnicott, existe uma história precoce de superego em cada indivíduo: “a introjeção pode se tornar humana e semelhante ao pai, mas, nos estágios iniciais, os introjetos do superego, utilizados para controle dos impulsos e produções do id, são sub-humanos, e na verdade primitivos em grau máximo”. Por conta deste caráter primitivo dos introjetos do superego, o autor justificou o estudo do sentimento de culpa no lactente, no qual estas questões primitivas podem ser encontradas.

Uma análise especializada de Winnicott (1989xi; [1960]) e com um elevado grau de complexidade sobre o conceito de superego pode ser encontrada no artigo: “Joseph Sandler – Comentários sobre *On the concept of the superego*”. Nele Winnicott comentou questões levantadas por Sandler sobre o desenvolvimento na psicanálise do conceito de superego. Para Sandler, o conceito foi enfraquecido por uma “dissolução conceptual” e o que era visto como conflito do superego agora passava a ser visto em termos de relações objetais. Sandler fez em seu artigo um levantamento do desenvolvimento do conceito de superego freudiano e prosseguiu demonstrando como ele alcançou complexidade por meio do trabalho de outros autores, especialmente Melanie Klein.

Winnicott escreveu neste artigo que o conceito kleiniano sublinha os elementos do superego que não necessariamente chegam ao ponto de desenvolvimento em que podem se tornar “totais” ou “humanos”; para ele, somente na saúde o superego clássico freudiano, que pertence à passagem do complexo de Édipo, pode ser observado.⁶ Segundo

⁶ Sobre o complexo de Édipo, Winnicott (1988, p. 67) afirmou não poder ver nenhum valor na utilização do termo quando um ou mais de um dos três que formam este triângulo é apenas um objeto parcial. Em seu ponto de vista, no complexo de Édipo, cada um dos componentes do triângulo é uma pessoa inteira, não apenas para o observador, mas especialmente para a criança. De acordo com Dias (2003, p. 272), se a criança atinge verdadeiramente a capacidade de vivenciar as ansiedades da situação edípica, isto significa que ela alcançou a identidade unitária e tem saúde psíquica suficiente para fazer a experiência das dificuldades inerentes à vida instintual no quadro das relações triangulares e interpessoais.

Winnicott, uma criança que se encontra suficientemente bem para ser uma pessoa total entre três pessoas, pode experimentar a situação triangular e pode ser capaz de elaborar na presença dos pais o conflito edípico e estabelecer um superego que tem um “certo relacionamento” com os pais.

Ainda neste artigo, o autor comentou sobre o uso da palavra “superego”. Para ele esta palavra pode ser utilizada de qualquer maneira que se decida estudar Freud e empregá-la como se acredita que ele veio a usá-la, pois, de acordo com Winnicott, ela foi utilizada para atingir uma linguagem comum. O autor contrastou a palavra “superego” com a palavra “*self*”, segundo ele, “*self*” é uma palavra que faz parte da língua, tem uma história e um significado próprio; não se pode alterar seu significado nem que se queira fazer isso. O autor fez esta reflexão sobre o uso dessas palavras para explicar a relação do superego freudiano com a mente e também para explicar a sua maneira de teorizar a mente. Esta questão o remeteu a um artigo escrito em 1949, “A mente e sua relação com o psicossoma” (1954a, p. 345; [1949]) em que ele afirmou que a mente não se localiza em “lugar algum” e que a atividade mental é um modo de funcionamento do psicossoma, tendo escrito que “o verdadeiro eu e o continuar a ser têm como base, na saúde, o desenvolvimento do psicossoma”.

Na remissão a este texto, ele estava se referindo a um *falso self* que vive pela mediação de uma mente ou uma vida intelectual que se tornou separada do psicossoma e, com isso, ele pontuou a posição da mente em sua teoria em contraste com a posição dela na teoria freudiana.

Winnicott comentou, nesse artigo, que, embora Freud utilize a mente para a compreensão do superego, os processos intelectuais e a parte verbalizada dos sentimentos, para ele, Freud nunca deixou esquecer que estava tratando de fenômenos que têm suas raízes em um material não verbal. Winnicott, nesta parte do texto, estava debatendo a idéia de que Freud considerou o superego como algo pertencente ao complexo de Édipo e também estava discutindo os mecanismos intrapsíquicos que datam do início da vida do indivíduo. O autor (1989xi, p. 355) afirmou que, se houver uma aceitação dos leitores de que, na saúde,

há uma “construção gradual ao longo das linhas destes mecanismos intrapsíquicos, no sentido do que acaba por tornar-se o superego do conceito freudiano”, então é possível chegar à conclusão de que o debate se refere a um só problema. Winnicott continuou o debate tomando como princípio que “estes mecanismos do funcionamento mental inicial não devem ser chamados de superego, ou sequer receberem a dignidade da expressão ‘esquema pré-autônomo de superego’”.

Embasado nessa complexa discussão, Winnicott (1989xi, p. 355) julgou ser importante avaliar “a qualidade subjetiva na visão que a criança tem dos pais e a qualidade da percepção objetiva”. Neste momento do texto, o autor iniciou uma comparação dos elementos do superego kleiniano com o superego clássico freudiano. Fez esta comparação em termos da análise de pacientes e concluiu que, com base nos dois conceitos, o trabalho chega ao mesmo ponto, “à vida instintual tal como experienciada na transferência” (p. 356). Para ele, no início, parece haver uma grande distinção entre os dois conceitos; porém, esta distinção se atenua ao se considerar que no conceito freudiano sobra lugar para as idéias de uma visão subjetiva dos pais, que introduz a idéia destes como projeções, do mesmo modo que o conceito kleiniano.

Na análise do superego freudiano, exatamente como na análise das ansiedades hipocondríacas e das projeções correspondentes nos casos paranóides, o que em última análise faz diferença para o paciente é o surgimento da vida instintiva na transferência. É aqui onde se dá uma união da análise das ansiedades hipocondríacas kleinianas e da análise do superego freudiano; todos são em última análise remontados, na análise, à vida instintual do indivíduo (WINNICOTT, 1989xi, p. 356).

O que se pode extrair desta profunda discussão de Winnicott com Sandler, especificamente para este estudo sobre as origens da moralidade, não é somente o entendimento do autor sobre o conceito de superego e sim a importância que atribui à vida instintual e ao ambiente.

Em “Melanie Klein: sobre o seu conceito da inveja. II – Primórdios de uma apreciação crítica do enunciado kleiniano da inveja”, Winnicott

(1989xf; [1962]) comentou sobre este conceito de Klein que indiretamente se refere às origens da moralidade. Para o autor, embora o enunciado kleiniano sobre a inveja seja de grande importância, não se trata de algo que pode ser aplicado a bebês e, na medida em que estas idéias são estendidas para a primeira infância, há um “enfraquecimento” do trabalho da autora sobre a posição depressiva. Segundo Winnicott, Klein se remete, ao conceituar a inveja, a “fatores herdados” sem considerar a “maternagem” e o “ambiente suficientemente bom (ou não)”.

No início da década de 60, Winnicott escreveu dois artigos em que é possível constatar o amadurecimento de suas idéias sobre a origem da moralidade. São eles: “O desenvolvimento da capacidade de se preocupar” (1963b; [1962]) e “Moral e educação” (1963d).

Em “O desenvolvimento da capacidade de se preocupar” (1963b, p. 70), o autor analisou o emprego das palavras “preocupação” e “culpa”. Para ele, “a palavra ‘preocupação’ é empregada para expressar de um modo positivo um fenômeno que em seu aspecto negativo é expresso pela palavra ‘culpa’”. Assim, a preocupação diz respeito a uma “maior” integração do ego e tem uma relação “positiva” com o senso de responsabilidade, ao contrário da culpa, que implica “um certo grau” de integração e corresponde a uma ansiedade ligada ao conceito de ambivalência.

Para Winnicott, preocupação significa que o indivíduo passou a *se importar*, ou a *valorizar*, e também sentir e aceitar responsabilidade. O autor afirmou que a capacidade para se preocupar pressupõe uma organização complexa do ego, uma conquista, e enfatizou que a provisão ambiental continua a ser vitalmente importante tanto neste processo como nos outros.

Usa-se descrever a origem da capacidade de se preocupar em termos de relacionamento do lactente com a mãe, quando aquele já é uma unidade estabelecida, e quando o lactente sente a mãe, ou figura materna, como uma pessoa completa. Este é um desenvolvimento que faz parte basicamente do período de relacionamento entre duas pessoas (WINNICOTT, 1963b, p. 71).

Considerando a análise cronológica de textos à qual este artigo se propõe, é possível afirmar que, depois do texto “A moralidade inata do bebê” (1949g), o texto “Moral e educação” (1963d) é aquele de maior importância em relação ao estudo sobre as origens da moralidade. Nesse artigo, o autor apresentou de um modo especializado e amadurecido o conhecimento que adquiriu ao longo dos anos por meio de seus estudos sobre a moralidade. Nele se encontram termos novos e análises teóricas de grande alcance dentro da teoria do amadurecimento.

A idéia de “crença em...” é um dos primeiros termos do texto em que se pode constatar a originalidade do pensamento winnicottiano sobre a moralidade. Winnicott trouxe esta idéia em analogia à crença que a criança tem em Deus; a “crença em...” é algo a se desenvolver na criança, diz respeito a uma confiança que ela já tenha sobre uma experiência. A criança passa a acreditar naquilo que ela já sabe. Segundo Winnicott, por exemplo, pode-se transmitir o deus da casa para uma criança que desenvolveu a “crença em...”; porém, se ela não tiver desenvolvido a “crença em...” Deus será um mero truque de pedagogia. Ao analisar esta idéia de crer em Deus, Winnicott afirmou que as religiões fizeram muito do pecado original, mas nenhuma chegou à idéia da “bondade original”, em que se cria e recria o conceito de Deus.

Ao tratar destas questões de crédito em algo ou em alguém, o autor chegou ao estudo da educação moral e discutiu se ela é viável ou não. Ele afirmou que o trabalho de educador depende do desenvolvimento da criança e de suas capacidades anteriormente adquiridas. Winnicott fez, neste texto, uma retomada de todo o processo de amadurecimento, desde a existência física do lactente, passando pelo estabelecimento da unidade EU SOU, pelo ambiente suficientemente bom, até o estabelecimento de uma identidade pessoal.

O autor também fez neste artigo um estudo sobre o “senso de valores” e afirmou que “não é solução para os valores morais aguardar que a criança desenvolva seus próprios valores, não se encarregando os pais de oferecer nada que se origine do sistema social local” (1963d, p.

95). Para ele, os pais têm que ajudar as crianças a descobrirem os códigos morais sociais e “dar exemplo”, um exemplo “sincero”, ressaltou, não superior ao que os pais realmente sejam.

A “provisão de oportunidades” foi outro tema estudado neste texto e diz respeito a uma solução pessoal da própria criança em lidar com a destruição do que ela ama; segundo Winnicott, em vez de educação moral, seria melhor propiciar à criança a oportunidade de ser criativa, incentivar suas habilidades.

O artigo “O desenvolvimento do sentido de certo e errado de uma criança” (1993c, p. 121; [1962]) é uma transcrição de uma das palestras radiofônicas que Winnicott concedeu à BBC de Londres e, de acordo com o prefácio dos organizadores, estas palestras revelaram alguns dos mais lúcidos e convincentes textos do autor. Esta observação dos organizadores pode ser confirmada pela leitura deste texto, pois nele Winnicott fez uma apresentação resumida de suas idéias e as tornou acessíveis às pessoas mais interessadas neste assunto: os pais das crianças. Uma das questões mais relevantes deste artigo se refere à afirmação do autor que “a base da moralidade é a experiência fundamental do bebê de ser o seu próprio e verdadeiro eu, de continuar sendo”.

Até este momento de uma breve apresentação de textos, que respeita uma ordem cronológica, somente os aspectos positivos da conquista da moralidade foram apresentados, salvo algumas considerações sobre a criança anti-social e o delinquente. Contudo, uma questão afim e importante para este estudo é a não-conquista da moralidade, a incapacidade para a moralidade. O texto “A ausência de um sentimento de culpa” ((1984b) [1966]) pode ser útil para expor algumas considerações de Winnicott sobre o tema.

Nesse texto, o autor fez referência a duas questões: a “inconfiabilidade” na figura materna, que torna inútil o esforço construtivo da criança e pode fazer com que o sentimento de culpa seja “intolerável”. Deste modo, a criança retrocede para a inibição, para a perda do impulso que é parte do amor primitivo. A segunda questão é “pior”: as experiências

iniciais não possibilitam o processo inato para a integração, não existe unidade e nem senso de responsabilidade (1984b, p. 123).

Winnicott chamou a atenção para o caso de uma criança afetada pela tendência anti-social e que pode se tornar delinqüente. Nestes casos, costuma-se dizer que esta criança não tem senso moral ou nenhum senso clínico de culpa; porém, o autor refutou este tipo de idéia. Sobre esta questão escreveu:

Mas refutamos essa idéia porque não a consideramos verdadeira quando temos a oportunidade de realizar uma investigação psiquiátrica da criança, especialmente no estágio anterior àquele em que os ganhos secundários passaram a predominar. Existe esse estágio anterior à chegada dos ganhos secundários, quando a criança necessita de ajuda e se sente louca porque de dentro dela vem uma compulsão para roubar, para destruir (WINNICOTT, 1984b, p. 124).

Em “A criança no grupo familiar”, Winnicott (1986d, p. 125; [1966]) afirmou que a família é um grupo cuja estrutura se relaciona com a estrutura da personalidade; é um “agrupamento” dentro da unidade de personalidade ou “uma duplicação da unidade da personalidade”. O autor introduziu a idéia da família paralelamente ao conceito do objeto subjetivo que se torna um objeto que é percebido objetivamente. Para ele, a família é um lugar onde a criança pode descobrir o amor e o ódio, onde ela pode esperar simpatia e tolerância; é ela também que leva a criança a outros agrupamentos que, aos poucos, vão se ampliando até chegar ao tamanho de uma sociedade local e da sociedade em geral.

Neste texto, Winnicott fez uma referência às “lealdades” e às “deslealdades”; para ele, na realidade do mundo onde as crianças precisam viver como adultos, toda lealdade indica uma “natureza oposta”, que ele afirmou poder chamar de deslealdade. Segundo o autor, uma criança que teve a oportunidade de alcançar estas descobertas, referidas anteriormente, dentro de sua família, estará em melhores condições para “assumir seu lugar no mundo”. De acordo com Winnicott, é possível perceber as deslealdades ao retroceder no tempo; elas provêm do fato

de que “se alguém tem de ser ele mesmo será desleal a tudo aquilo que não for ele mesmo”. Para o autor, a afirmação “EU SOU” é uma das palavras mais “agressivas” e “perigosas” do mundo; só quem as alcança pode ser um membro adulto da sociedade (p. 136).

Os textos apresentados neste momento datam de 1965 a 1970 e foram os últimos escritos por Winnicott, pois o autor veio a falecer no início de 1971. Pode-se constatar que ele passou a ampliar seus questionamentos sobre a moralidade para o âmbito da sociedade. Assim como Freud partiu do estudo do aparelho psíquico para analisar os problemas da civilização, da religião e da sociedade, Winnicott partiu do estudo do amadurecimento pessoal para as suas análises. Em “*Sum: eu sou*”, é possível encontrar um trecho deste tipo de análise:

O estado de unidade é a conquista básica para a saúde no desenvolvimento emocional de todo ser humano. Com base nesse estado, a personalidade unitária pode se permitir a identificação com unidades mais amplas – digamos a família, o lar ou a casa. *Agora*, a personalidade unitária é parte de um conceito de totalidade mais amplo. E logo vai se tornar parte de uma vida social cada vez mais ampla, incluindo as questões políticas; e (no caso de algumas pessoas) de algo que pode ser chamado de cidadania no mundo. (...) A base de tal divisibilidade é o *self* unitário, talvez transferido (por medo de ataque) para Deus. E aí retornamos ao monoteísmo e à aquisição de um significado para um, solitário, único; como é veloz a quebra de um em três, trindade! Três, o número da família mais simples possível (WINNICOTT, 1984h, p. 47).

O último texto a ser apresentado neste capítulo é “Individação”; nele há uma descrição winnicottiana de como um entre dois mundos espera por uma criança e, segundo o autor, é possível entender como faz toda diferença aquele mundo onde cada um nasceu. Winnicott pediu permissão para sua “supersimplificação”:

Um: um bebê dá um chute no seio da mãe. Ela fica satisfeita por seu bebê estar *vivo e dando pontapés*, embora talvez doa e ela não se permita ser machucada por brincadeira. Dois: um bebê chuta

o seio da mãe, mas esta mãe tem idéia fixa de que golpes no seio causam câncer. Ela reage, porque não aprova o pontapé e isto sobrepõe-se ao que quer que o chute possa significar para o bebê. A criança defrontou-se com uma atitude moralista e dar pontapés não pode ser explorado como maneira de situar o mundo ao qual ele pertence, que é o lado de fora. (...) É agora impossível para o menino ou para a menina sentirem-se preocupados, porque o código moral da mãe ergueu-se como um bloqueio ao crescimento natural no bebê de um senso de certo e errado, e de culpa e pesar. (...) Estes dois mundos são tão diferentes como água e azeite. Qualquer debate da “posição paranóide” em cultura pura é fútil, a menos que a provisão ambiental seja primeiramente avaliada e admitida (WINNICOTT, 1989n, p. 221).

Tomando como referência esta questão colocada por Winnicott sobre o significado que pode haver para um bebê o modo como o mundo o espera, pode ser útil para o encerramento deste artigo aproximar este último texto do primeiro texto citado.

No texto sobre enurese, da década de 30, o autor escreveu sobre como a satisfação e o prazer encontrados no corpo pelo bebê podem significar para ele que existe “bondade no mundo”. É possível admitir certa correspondência com este texto de 1970, uma vez que o autor está tratando do modo como o mundo espera o bebê.

Com esta sugestão de aproximação dos textos, de modo a atender o objetivo da análise a que este artigo se propõe, há a possibilidade de se afirmar que Winnicott amadureceu suas idéias ao longo dos anos e da criação de sua teoria do amadurecimento moral, mas não as modificou. O autor incluiu termos novos, fez análises mais profundas, mas não modificou suas idéias iniciais. Winnicott fez referências e críticas aos conceitos de superego, complexo de Édipo e posição depressiva; porém, a teoria do amadurecimento moral winnicottiana é “essencialmente não-edipiana” e difere radicalmente da teoria da origem da moral desenvolvida na psicanálise de Freud e Klein (LOPARIC, 2000).

Na psicanálise winnicottiana, a moralidade é pessoal, não é ensinada de forma que seja intelectualizada ou aprendida, ela surge da experiência da

bondade originária e da confiabilidade ambiental. Com base neste tipo de experiência, o bebê chega à consciência da existência do outro e torna-se capaz de colocar-se no lugar do outro (identificação cruzada).

O que é essencial na moralidade tal qual descrita por Winnicott é que ela não é definida em termos de adequação ou transgressão como a moralidade freudiana ou kleiniana, e sim ela se constitui em um contexto não-edípico, não estando referida à uma lei ou a uma interdição. É o cuidado do ambiente que permite que a criança seja si-mesma e adquira a capacidade de permitir ser o outro como si-mesmo. A moralidade é descrita como inata por haver em cada indivíduo uma tendência a desenvolver um sentimento de responsabilidade que deverá acompanhar seu amadurecimento pessoal e integrar-se à personalidade (DIAS, 2003).

Com base nesta análise cronológica de textos, pode-se afirmar que a origem da moralidade para Winnicott se encontra nas primeiras relações de compromisso e preocupação estabelecidas entre o bebê e sua mãe e acompanham o amadurecimento pessoal do bebê junto a um ambiente suficientemente bom. Para o autor, estas relações de compromisso se estabelecem no primeiro ano de vida do bebê.

Referências

A citação das obras de Winnicott segue a bibliografia compilada pelo Prof. Dr. Knud Hjulmand, do Departamento de Psicologia da Universidade de Copenhague, cujo critério é o ano da primeira publicação do artigo ou do livro do autor. No corpo do texto, após a menção do ano de publicação, está a página em que a citação pode ser encontrada nas edições brasileiras. A bibliografia feita pelo Prof. Dr. Hjulmand foi reproduzida em *Natureza Humana – Revista Internacional de Filosofia e Práticas Psicoterápicas*, Campinas, v. 1, n. 2, 1999. Consta também no seguinte endereço da Internet: <www.cle.unicamp.br/grupofpp>.

DIAS, Elsa O. **A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

LOPARIC, Zeljko. Winnicott: uma psicanálise não edípiana. **Percursos**, ano 9, n. 17, 1996.

LOPARIC, Zeljko. Winnicott e Klein: conflito de paradigmas. In: CATAFESTA, Ivonise Fernandes da Motta (Org.). **A clínica e a pesquisa no final do século: Winnicott e a universidade.** São Paulo: Lemos Editorial, 1997.

LOPARIC, Zeljko. A moralidade e o amadurecimento. ENCONTRO LATINO AMERICANO SOBRE O PENSAMENTO DE D. W. WINNICOTT, 9., 2000, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: SBPRJ, 2000. p. 303-315.

WINNICOTT, Donald W. (1936b). **Contribuição para uma discussão sobre enurese.** In: Winnicott, 1997 (W21), p. 143-146.

_____. (1940b). **Crianças na guerra.** In: Winnicott, 1999 (W13), p. 23-29.

_____. (1941b). **A observação de bebês numa situação padronizada.** In: Winnicott, 2000 (W6), p. 112-132.

_____. (1945c). **Alimentação do bebê.** In: Winnicott, 1982 (W7), p. 31-36.

_____. (1945h). **Para um estudo objetivo da natureza humana.** In: Winnicott, 1997 (W21), p. 31-37.

_____. (1945j) [1944]. **Por que choram os bebês?** In: Winnicott, 1982 (W7), p. 64-75.

_____. (1946b). **Alguns aspectos psicológicos da delinquência juvenil.** In: Winnicott 1999, (W13), p. 127-134.

_____. (1947b). **Mais idéias sobre o bebê como pessoa.** In: Winnicott, 1982 (W7), p. 95-103.

_____. (1949b). **O bebê como organização em marcha.** In: Winnicott, 1982 (W7), p. 26-30.

_____. (1949g). **A moralidade inata do bebê.** In: Winnicott, 1982 (W7), p. 104-109.

_____. (1949n). **A criança e as outras pessoas.** In: Winnicott, 1982 (W7), p. 116-124.

WINNICOTT, Donald W. (1950a). **Algumas reflexões sobre o significado da palavra ‘democracia’**. In: Winnicott, 1999 (W14), p. 249-271.

WINNICOTT, Donald W. (1954a) [1949]. **A mente e sua relação com o psicossoma**. In: Winnicott, 2000 (W6), p. 332-346.

_____. (1955c) [1954]. **A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal**. In: Winnicott, 2000 (W6), p. 355-374.

_____. (1957d) [1939] **Agressão**. In: Winnicott, 1999 (W13), p. 93-102.

_____. (1958c) [1956]. **A tendência anti-social**. In: Winnicott, 1999 (W13), p. 135-147.

_____. (1958j). **O primeiro ano de vida. Concepções modernas do desenvolvimento emocional**. In: Winnicott, 1997(W8), p. 3-20.

_____. (1958o) [1956]. **A psicanálise do sentimento de culpa**. In: Winnicott, 1990 (W9), p. 19-30.

_____. (1963b) [1962]. **O desenvolvimento da capacidade de se preocupar**. In: Winnicott, 1990 (W9), p. 70-78.

_____. (1963d). **Moral e educação**. In: Winnicott, 1990 (W9), p. 88-98.

_____. (1968b). **O aprendizado infantil**. In: Winnicott, 1999 (W14), p. 137-144.

_____. (1968e) [1967]. **A delinqüência como sinal de esperança**. In: Winnicott, 1999 (W14), p. 81-91.

_____. (1968i). **O brincar – uma exposição teórica**. In: Winnicott, 1975 (W10), p. 59-78.

_____. (1969a). **A imaturidade do adolescente**. In: Winnicott, 1999 (W14), p. 145-163.

_____. (1971f). **O conceito de indivíduo saudável**. In: Winnicott, 1999 (W14), p. 3-22.

WINNICOTT, Donald W. (1984a) Deprivation and delinquency. London, Routledge, 1997.

WINNICOTT, Donald W. (1984b). **A ausência de um sentimento de culpa.** In: Winnicott, 1999 (W13), p. 119-126.

_____. (1984c) [1960]. **Agressão, culpa e reparação.** In: Winnicott, 1999 (W13), p. 153-163.

_____. (1984h) [1968]. *Sum: Eu sou.* In: Winnicott, 1999 (W14), p. 41-51.

_____. (1986b) Home is where we start from. London, Penguin Books.

_____. (1986d) [1966]. **A criança no grupo familiar.** In: Winnicott, 1999 (W14), p. 123-136.

_____. (1988) [1954]. **A posição depressiva.** In: Winnicott, 1990 (W18), p. 89-103.

_____. (1989n) [1970]. **Individuação.** In: Winnicott, 1994 (W19), p. 219-222.

_____. (1989xi) [1960]. **Joseph Sandler – Comentários sobre On the concept of superego.** In: Winnicott, 1994 (W19), p. 353-358.

_____. (1989xf) [1962]. **Melanie Klein: sobre o seu conceito da inveja. II – Primórdios de uma formulação de uma apreciação crítica do enunciado kleiniano da inveja.** In: Winnicott, 1994 (W19), p. 340-347.

_____. (1993c) [1962]. **O desenvolvimento do sentido de certo e errado de uma criança.** In: Winnicott, 1999 (W20), p. 121-126.

_____. (1996k) [1948]. **Necessidades ambientais; os estágios iniciais; dependência total e independência essencial.** In: Winnicott, 1997 (W21), p. 51-56.

Recebido em: 15 de junho de 2007.

Aprovado em: 18 de abril de 2008.